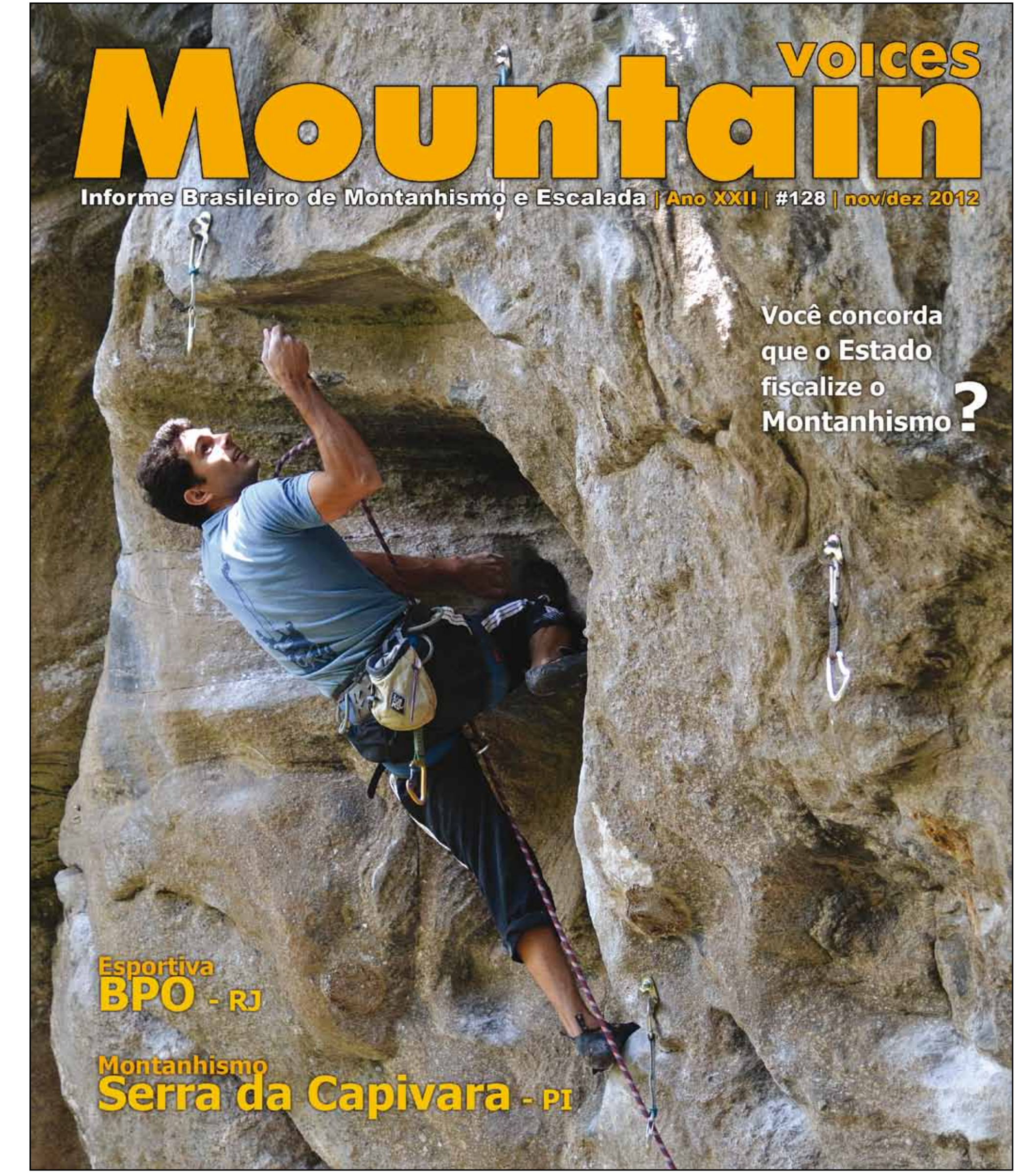


# Mounta**in**



voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXII | #128 | nov/dez 2012

Você concorda  
que o Estado  
fiscalize o  
Montanhismo?

Esportiva  
**BPO** - RJ

Montanhismo  
**Serra da Capivara** - PI





**Camisas**  
**ADVENTURE**

**Aonde você for!**

Com ventilação na região das costas.

Amni  
Confeccionadas em Poliamida Amni

Com proteção UV 50+ inserida no fio.

www.curtlo.com.br

Camisas somente na versão masculina

www.youtube.com/br/curtlobrasil

www.facebook.com/curtlobr

www.twitter.com/curtlobr

Produzido no Brasil

## Internacional



ALESSANDRA ARRIADA | RS

### A muerte

Escrever ou ler sobre aqueles que nos motivam é sempre gratificante. Nesse mês tivemos muitos exemplos ou histórias que facilmente nos inspirariam a sermos pessoas melhores ou mesmo melhores escaladores(as). Aqui no Brasil tivemos Rafael Nishimura sendo sua vitória um exemplo de dedicação e superação de adversidades e lá fora tivemos a britânica Fran Brown em sua excelente forma física e presença de espírito em uma bonita história na vida e na escalada. Mas usualmente lemos infundáveis matérias sobre os times de escalada num cenário internacional que há tempos inundam nossos computadores e mentes com ascensões, conquistas ou simplesmente com seu lifestyle simples e dedicado inteiramente à escalada. Quem são eles e o que nos inspiram?

Daila Ojeda é uma morena forte e tímida, de cabelos suavemente presos para baixo, escorrendo pelos ombros

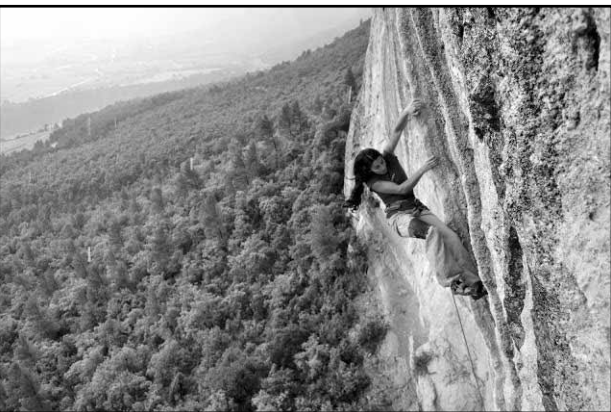
fortes e roupas sempre coloridas dos patrocinadores. Suas mãos delicadas escondem alguns ‘first ascents’ clássicos da escaladora especialista em encadenar vias à pouco equipadas. No seu quintal de casa, na Espanha, em Oliana e em Sant Llorenç de Montgai, lar esse que divide com o também escalador estrela Chris Sharma, Daila encadenou recentemente *Mind Control*, um re-



presentativo 5.14c “Sou privilegiada de conviver com verdadeiras mães-quinhas de equipar vias, como Dani (Andrada) e Chris (Sharma), sempre fanáticos e motivados, com uma energia que sempre contagia e que contribui enormemente para a qualidade de escalada na Espanha”disse Daila em uma entrevista a Gory Magazine em maio de 2009. A escaladora faz parte das principais equipes ou times de escalada como a Petz, Evolv, The North Face, Sanuk, Sterling Rope e é estrela da Big Up Productions. Ela salienta sempre a importância desse apoio para fazer o que gosta, mesmo que seu perfil seja de não levar nenhum tipo de treino a sério, não

participar de competições frequentemente e ainda escalar somente as vias que gosta, que a motivem, e com amigos ao seu redor que compartilham do mesmo propósito. Em entrevista antiga à Andrea Cartas, no site 8a nu, Daila diz deixar a seriedade somente para assuntos que devem ser levados à sério. Para ela, escalar é uma forma natural de viver, de forma livre, descomprometida e feliz: não obedece nenhuma planilha de treinos ou de alimentação, mas conta que teve uma infância e adolescência saudável entre o mar e as rochas das paradisíacas Ilhas Canárias na Espanha. Nascida em 1981, iniciou a escalar com 18 anos em Santa Lucia, observando os fortes escaladores que visitavam sua cidade quando ainda era uma jovem surfista amadora e curiosa, em um campeonato de Boulder local. Não se sabe se a ascendência cubana ou se um típico molho canário picante que diz comer

ticula timidamente num parco inglês, e diz que gostaria de estar envolvida em projetos beneficentes com crianças, onde ensinaria o que sabe e retribuiria da melhor forma o que agradece ter. Com um jeans surrado e um colorido colar de contas, de forma sincera e ingênua, diz ainda que gosta de estar simplesmente escalando, seja com amigas, onde se diverte, ri e fala sobre diversos assuntos ao som de músicas tipicamente femininas, ou com amigos, sua companhia frequente. Gosta de ler, estar na praia, ou em casa, brincando com sua labradora Chaxiraxi ou recebendo amigos, também escaladores. O sorriso some somente quando explica que prefere não estar por perto de pessoas que não levam em conta o fato da escalada ser um esporte individual e constantemente se comparam a ela, o tempo todo. Como se isso fosse possível: comparar-se a Daila Ojeda.





**Para todo dia, uma grande aventura**

**Crampon 23**  
Ref. 0023 - Mochila para caminhadas curtas e uso urbano, com apoio para sistema de hidratação e capa de chuva embutida. A divisão interna serve para organizar o material no interior. Bolso frontal com divisória. Os bolsos laterais servem para levar garrafa de água ou itens menores. As costas são acolchoadas com abertura para facilitar a ventilação. Alças reforçadas, com engate peitoral. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em tecido ripstop.

**Crampon 25**  
Ref. 0025 - Mochila para uso urbano e em ataque a montanhas, com estrutura em placa rígida e acolchoado reforçado nas costas e alças. Acesso principal por zíper, com reforço de engates para evitar abertura acidental. Vem com suporte para hidratação, capa de chuva embutida e fita peitoral. Possui acesso também pelo fundo, facilitando o acesso. Seu amplo bolso frontal possui organizadores. Vários pontos em alça servem para prender mosquetões e itens longos. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em lona de náilon e tecido ripstop.

**Crampon 27**  
Ref. 0027 - Modelo para uso em caminhadas curtas ou uso urbano, vem com abertura superior por zíper, dando acesso ao amplo espaço interior, onde tem divisão para suporte a sistema de hidratação, que também pode ser usada como organizador. Vem com capa de chuva embutida, alças e apoio das costas acolchoados e peitoral. Os apoios são separados para ajudar a ventilação e as costas possuem armação em placa rígida. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em tecido ripstop.

R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Telesópolis - RJ - (21) 2742-9652  
Fax (21) 2742-5781 - CEP 25954-195 - [sac@trilhaserumos.com.br](mailto:sac@trilhaserumos.com.br)

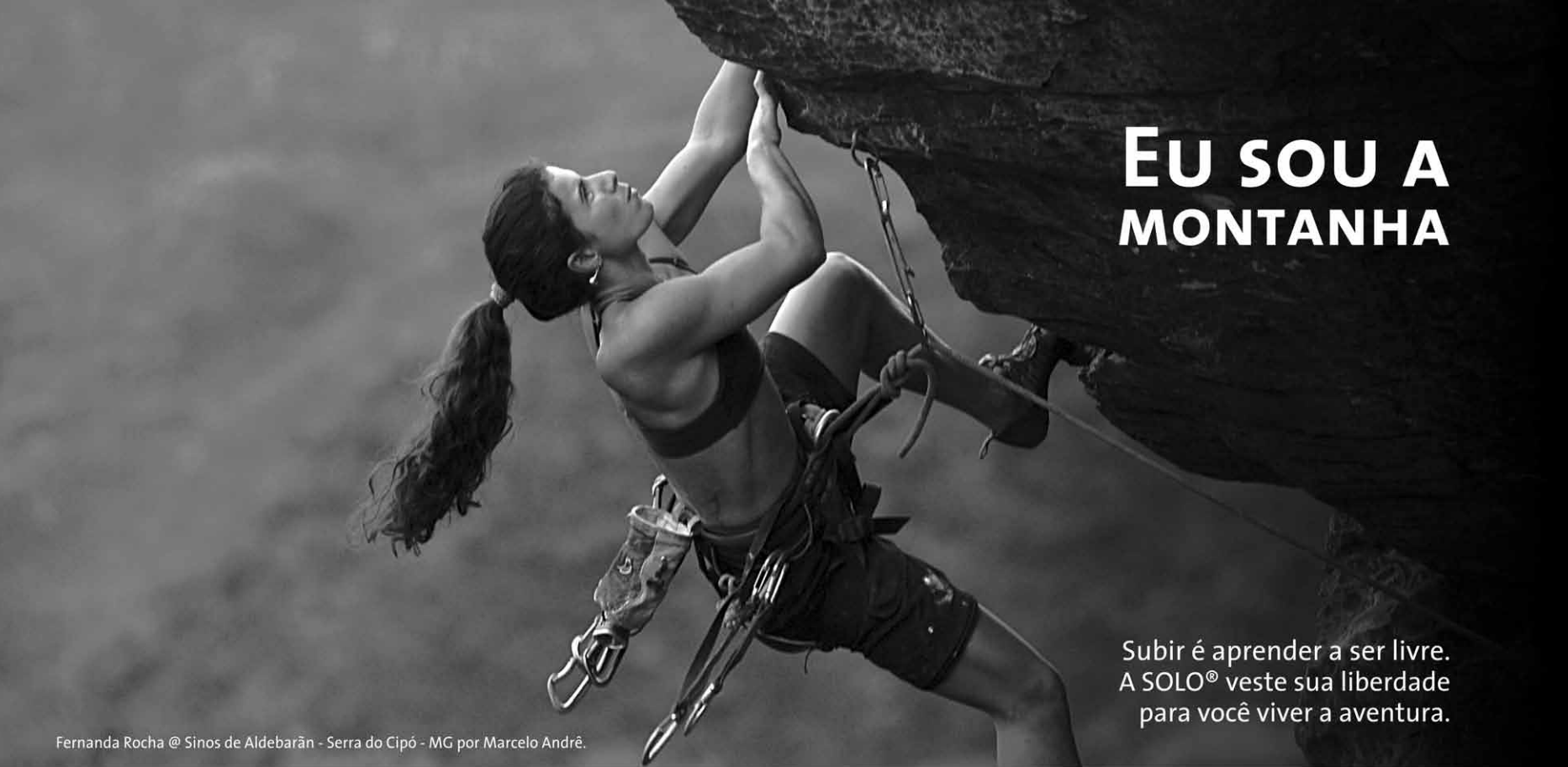
**Vestuário**

**Mochilas**

**Sacos de dormir**

**Acessórios**

[www.trilhaserumos.com.br](http://www.trilhaserumos.com.br)



**EU SOU A MONTANHA**

Subir é aprender a ser livre. A SOLO® veste sua liberdade para você viver a aventura.

Fernanda Rocha @ Sinos de Aldebarã - Serra do Cipó - MG por Marcelo André.

**VISTA SUA LIBERDADE**

[www.solobr.com](http://www.solobr.com)

**SOLO**



# De olho na disciplina

André Berezoski | SP

A escalada nos prega várias peças interessantes ao longo de uma jornada dentro deste esporte, e uma das piores é se deparar com um determinado movimento, via ou exercício, que no passado era possível realizar com a maior naturalidade e facilidade, mas após um tempo “as coisas” não fluem mais como antes, o dia a dia já não é mais o mesmo. Nesse instante, um mix de frustração, desentendimento e uma pitada de raiva se misturam e a coisa desanda se o psicológico não for forte ou treinado. Mas o que realmente fazemos questão de não querer lembrar é o “por que” de chegar ao ponto de não realizar mais o que antes era fácil, sempre vai existir uma razão, mas, por incrível que pa-

reça, é mais fácil ignorá-la e viver se lamentando das vivências passadas. Tentar viver a escalada no presente com memória de um tempo onde treinar e escalar eram as únicas preocupações é muito confuso, e deve ser encarado com muita cautela para não “surta” de desgosto por não ser mais o mesmo de anos atrás. Na maioria das vezes, a luta para retornar ao auge da forma física é travada no campo psicológico, as lembranças da conquista de títulos importantes, uma cadeia almejada acima do seu limite, uma via de grau extremo, essas sensações são tão intensas e marcantes que ficam armazenadas de uma forma especial na memória, e como se ao atingir este ponto seja impossível retornar a um nível mais baixo. Na verdade isso nem vem à mente por sempre

acreditarmos que a tendência é a constante evolução, e na verdade seria, ou é, para uma porcentagem mínima da comunidade de escalada, porcentagem esta que só entram os atletas patrocinados e que podem se dedicar em tempo integral somente à escalada mas, mesmo estes não estão livres das diversas situações que podem tirar do foco esta evolução, entre elas os estudos, os relacionamentos ou algum acidente (por ex., o escalador basco Patxi Usobiaga, que teve uma fratura na vértebra que o impossibilita a ter novamente altas performances como escalador de competição) ou então os mais extremos ainda, aqueles que se dedicam há anos treinando e depois de um tempo se cansam das performances e param de escalar e até mudam de esporte. No caso

da porcentagem restante e dos escaladores brasileiros, pobres mortais, a “água bate na bunda” por todos os lados e fica praticamente impossível se dedicar como gostaríamos ou tentar manter o mesmo nível até então atingido. Quando essas responsabilidades ou fatores adversos começam a nos distanciar da escalada ou treinos, as situações citadas acima começam a ser uma constante e o rendimento passa a estar somente na memória, o físico despenca vertiginosamente e até uma simples barra começa a ter outro peso.

Conviver com essas lembranças e tentar se adaptar para tentar manter um nível mínimo é fundamental. Escalar ou treinar em menos dias e em horas é infinitamente melhor do que passar semanas sem este contato, sendo que na primeira oportunidade, treinar por horas sem parar e tentar resgatar o tempo perdido, na maioria das vezes é mais frustrante ou até mesmo corre-se o risco de lesão, os braços não respondem, a pele perdeu todos os calos e isso se torna uma tortura sem precedentes, o que nos leva a uma desmotivação que pode entrar em um círculo vicioso de escalar cada vez menos, e o retorno ficando cada vez mais traumático. Mas como já disse acima, temos memórias na escalada, uma das

que podemos usar é a “se voltar ao treino, posso voltar à performance, mas não existem milagres”.

A melhor receita sem dúvida é se manter escalando ou treinando sempre, por poucas horas que seja, mesmo em casa, um treino de finger board, barras, flexibilidade, tensão corporal, enfim, existe uma infinidade de exercícios que podem ser feitos para não deixar o nível descer, e por muitas vezes pode ser até uma excelente forma de evolução. O escalador russo Dmitry Sharaduftinov, tricampeão mundial, tem como base de seu treino fazer barras, muitas (1.000 barras/dia), se trata de um exercício básico para escaladores, mas que com disciplina e planejamento, podem elevar em muito seu nível na escalada.

Disciplina, esta palavra é a chave não só para quem treina seriamente para competição, mas também para quem tem na escalada seu esporte oficial ou de lazer. Com disciplina você pode atingir níveis nunca imaginados, ou no caso de um retorno a escalada e uma trégua com as memórias, a disciplina é o único caminho para retomar as rédeas da boa forma e voltar a executar exercícios passados que de quebra, se bem conciliados com a evolução psicológica adquirida após tanto tempo escalando, podem se converter na melhor ferramenta para uma constante evolução. O grande segredo é não se deixar abalar, manter a calma e tentar se manter na ativa. Encontrar desculpas para explicar a falta de rendimento é a forma mais fácil de se livrar desta culpa, difícil mesmo é tomar a atitude de reverter a situação e manter o foco, sem que seja mais uma “dieta da segunda-feira”.

Depois de 20 anos escalando, fica mais fácil perceber as diversas situações enfrentadas em diferentes fases, há anos atrás fazer 16 barras com um braço foi resultado de uma boa disciplina e bom treino. Hoje, fazer uma só que seja é de uma dificuldade sem precedentes, seja nos treinamentos ou na escalada em rocha, elas acontecem o tempo todo, em contra partida a escalada hoje é muito mais solta e tranquila, de cabeça limpa, sem pressão e sem cobranças, e isso é o mais importante para uma mente sadia. E para saber como lidar com estas situações e como aceitá-las sem se abalar mentalmente, pois é inevitável, o corpo não responde tão facilmente como na época dos treinos pesados, as diversas responsabilidades do dia a dia nos tiram do rumo por forças maiores, mas é possível sim conciliar uma disciplina diária com a experiência adquirida ao longo dos anos para se manter escalando bem, e ainda poder contar com a imensa vantagem de estarmos praticando um esporte que quanto mais o tempo passa, mais se pode evoluir e atingir níveis extremos. E como diria o Pedro Bial: “Um dia você vai envelhecer, mas o filtro solar...acredite”.

André Belê Berezoski, atleta apoiado 5.10, Conquista, 4climb, Casa de Pedra, BelêPad e SOS Sapatilha.

## Para os apaixonados por caminhadas em meio à natureza!

### V-Lite Buxton MID WP

Com um design tradicional e um toque moderno, é leve, confortável e impermeável.



#### V-LITE (vertical build system)

Sistema de construção vertical que reduz consideravelmente o peso do calçado.



#### CABEDAL

Construído com materiais mais leves.



#### PALMILHA

Tecnologia Confor-Tec fabricada em EVA removível.



#### STABILA FLEX PLUS

Plataforma fabricada com plásticos reciclados que asseguram a mesma rigidez das hastes de aço, sem o excesso de peso.



#### ENTRESSOLA

Produzida em CMEVA para melhor absorção de impacto.



#### SOLA MDT

Produzida com borracha de carbono, é leve e proporciona alta tração multidirecional.



#### DRI-TEC (waterproof membrane)

Oferece excepcional impermeabilização e excelente respirabilidade.



www.hi-tec.com





# Por um Montanhismo livre

Grampos e vias são coisas só escaladores vêem. Então, por que levarmos estas discussões para fora da comunidade dos escaladores? Qual o benefício que conquistaremos com isso? Temos que desconstruir o mito criado de que o escalador causa algum impacto ao meio ambiente.



Texto: Marcello Ramos

Lendo o Mountain Voices de Nº 127, edição set/out 2012, me deparei com a matéria, e os depoimentos de diversos escaladores, sobre as restrições de uso da furadeira e a necessidade de submissão dos projetos de aberturas de vias em alguns parques estaduais e nacionais. Gostaria de poder contribuir um pouco mais para este debate, que me parece não ter sido discutido, suficientemente, com a comunidade de escaladores de todo o Brasil e cujas soluções não parecem agradar a uma grande maioria. Muita gente já conhece minha posição sobre o assunto. Sou contra qualquer tentativa de proibição, cerceamento ou de enquadramento das atividades amadoras de escalada, seja pelo setor privado, pelo estado ou por qualquer autarquia ou entidade não representativa da comunidade de escaladores do Brasil. O que se discutiu na matéria citada foram as proibições do uso de uma ferramenta, de uso específico de um esporte, e das exigências para a prática deste esporte em determinados parques. Mas o que está em jogo aqui é mais do que isso, é o direito do cidadão de praticar o seu esporte sem a regulamentação de uma entidade externa à comunidade de praticantes deste esporte.

## Grampos só escaladores vêem

Então, por que levarmos estas discussões para fora da comunidade dos escaladores? Qual o benefício que conquistaremos com isso? Não consigo enxergar nenhuma vantagem.

## Escaladores não causam impacto

Desde que me conheço por escalador, vejo como cada um de nós se preocupa com o meio em que desenvolvemos nosso esporte, isto é instintivo e natural. Muito mais que em qualquer outro tipo de esporte, posso afirmar! Temos que desconstruir o mito criado, de que escalador causa algum impacto ao meio ambiente. Esta criação foi, e é, muito útil para se justificar qualquer arbitrariedade ou imposição! Somos um bando privilegiado com a possibilidade de praticar um dos esportes mais fascinantes no planeta, gente saudável e com tempo (não falo por mim infelizmente) mas, ainda assim, um punhado de gente. Deve haver mais jogadores de rugby no Brasil do que escaladores! Deve haver mais esquiadores do que escaladores! Como é que podemos impactar a natureza de alguma forma significativa, digna de nota ou registro? Será que são os grampos, as vias, as trilhas quase imperceptíveis que conduzem às bases das vias ou os tufinhos de mato, que eventualmente caem das paredes? Será que isso é um impacto digno de atenção? Não vejo os grandes temas ambientais sendo tratados por quem pretende regular o nosso "impacto". Ninguém fala de Belo Monte, da perda e

do furto da nossa biodiversidade, do avanço da fronteira agrícola sobre a floresta amazônica e cerrado, do novo código ambiental temerário, das queimadas, do crescimento urbano desorganizado, da falta de saneamento básico poluindo nossas águas e muitos outros assuntos, estes sim, de relevância. Mas os grampos e as vias... "Impacto" e "adensamento" (termo criado para definir uma parede com muitas vias) tem sido usados para a limitação de abertura de novas vias em paredes ou para a restrição do uso da furadeira. Uma questão no mínimo discutível. Mas se na Urca, que é nosso maior centro de escaladas no Brasil, com a maior frequência e com o maior "adensamento" de vias, o uso da furadeira é permitido, como é que se justifica restringir este uso em qualquer outra região do país? Também acho bastante discutível termos um projeto de conquista julgado por um funcionário, ou funcionários, dos parques. Que conhecimentos terão estas pessoas para poder julgar a validade de algum projeto? Podemos esperar contar sempre com um escalador na administração destes parques para decidir tais assuntos? E quando não houver um escalador disponível, como será?

Imaginemos Wolfgang Gullich, chegando no Rio em 1987, pedindo permissão para o funcionamento do Parque do Pão de Açúcar, para abrir uma via, chamada depois de *Southern Comfort* (primeiro 10a da América do Sul), um grau anos luz do que os brasileiros faziam na época, na já "adensada" Pedra do Urubú. Que funcionário teria bagagem necessária para julgar a possibilidade de abertura de tal via? Pelo adensamento ele teria o seu pedido negado e pelo estilo deveria abrir de baixo para cima! Pobre Gullich! Quem conhece a via sabe do que eu estou falando! Então, não existe um estilo a ser imposto. Cada parede, a dimensão de cada montanha, a forma de cada face, impõe o próprio estilo a quem conquista uma via, não precisamos de alguém determinando isso. Existe um medo dos mais experientes de as gerações mais novas fazerem alguma coisa errada. Existe uma triste "patrulha" da ética e do estilo. Estamos matando o espírito empreendedor na novas gerações e dei-

xando um triste legado para as futuras. De que adianta reservarmos as paredes para as gerações futuras se estas não ousarão, por medo de burocracias, buscar seus próprios desafios? Tive oportunidade de presenciar isso com uma dupla de jovens escaladores talentosos, gente que frequenta patagônia e etc... Falavam de uma possível linha vislumbrada no Capacete (PETP), antes das "normas". Perguntei à eles por que não abriam a tal linha e disseram que tinham medo do que poderiam falar. Que triste legado! Temos que cuidar dos escaladores iniciantes, incentivar os de nível intermediário e aplaudir os "monstros"! Alguns vão à montanha para provar alguma coisa à alguém, outros para praticarem um esporte saudável e outros para passarem horas divertidas com os amigos. É preciso, é necessário, haver vias para todos eles! Não é possível que todos tenham que escalar vias comprometidas apenas! Temos que gerir o esporte para que existam vias para todos os níveis e para todos os estilos! Segurança para quem precisa e ousadia para quem quiser! Não precisamos de ninguém impondo regras a ninguém. Acompanho o trabalho das nossas federações e da nossa confederação, há muitos anos. Conheço o grande trabalho e a grande dedicação que os voluntários dispensam a estas entidades. Muito esforço e muita paixão. Apoio e continuarei apoiando, sempre que possível todas as iniciativas que beneficiem a escalada. Acho que devemos buscar a profissionalização da gestão do nosso esporte, para que seja possível cuidar e desenvolver o esporte como deveria. Para que tenhamos autonomia, para que possamos dar voz a toda a comunidade de escaladores, para que possamos enviar nossas delegações de atletas aos campeonatos internacionais, para evitar que outros se incumbam de regular nosso esporte e para evitarmos que escaladores sejam processados. Quantos terão que ser processados para tomarmos alguma providência? Sendo estes, temas que podem afetar a todos os escaladores do país, no presente e em um futuro muito próximo, acredito que mereçam ser mais bem discutidos, incluindo o debate de toda a comunidade de escaladores do país e não apenas de algumas localidades.

# Silvério Nery comenta a petição pública

Essa mensagem reflete opinião pessoal e não é um posicionamento oficial da CBME ou da FEMESP sobre o assunto.

Essa mensagem reflete opinião pessoal e não é um posicionamento oficial da CBME ou da FEMESP sobre o assunto. Também não é minha intenção colocar um posicionamento definitivo, acho que a questão permanece em aberto, sujeita a mais discussões, uma vez que a petição coloca uma questão nova, para a qual me parece que ainda temos que construir uma solução.

Até hoje a atuação das Federações e da CBME se pautou pela obediência às regras vigentes, pela tentativa de influir para melhorar essas regras quando elas são prejudiciais à nossa atividade e pelo apoio à criação de regulamentações onde elas não existem e se mostram necessárias.

Nossa atuação procurou estabelecer parecerias com os gestores de áreas públicas e privadas visando garantir a maior liberdade possível na prática de Montanhismo nessas áreas, respeitados os princípios éticos e de mínimo impacto. Até hoje nas áreas públicas a tarefa da fiscalização ficou a cargo do gestor, em geral com nosso apoio, e isso tem suas razões.

Visto pela ótica do gestor público de um Parque, uma vez que exista algu-

ma regulamentação, o papel dele é fazer cumprir a mesma. Assim sendo, o termo usado na petição parece pouco adequado, pois sempre poderá existir alguma forma de "interferência" legítima nas atividades de montanhistas e outros esportistas. Outro problema é que as demandas que surgem nos Parques envolvem não apenas os princípios gerais do montanhismo, mas também (e na maioria das vezes), os princípios da ética local, exigindo a atuação de clubes ou associações de montanhistas locais na fiscalização e ajuizamento dessas demandas.

O modelo atual de parceria com os Parques (com a participação dos grupos/clubes/associações locais e das Federações ou da CBME nos Seminários de Mínimo Impacto, Conselhos Consultivos e Câmaras Técnicas), tem potencial para resolver de forma adequada a maioria desses problemas.

Transferir integralmente a responsabilidade pela fiscalização para as Federações e CBME poderia trazer uma indesejável centralização das decisões e também a necessidade de aparelhamento/estruturação das

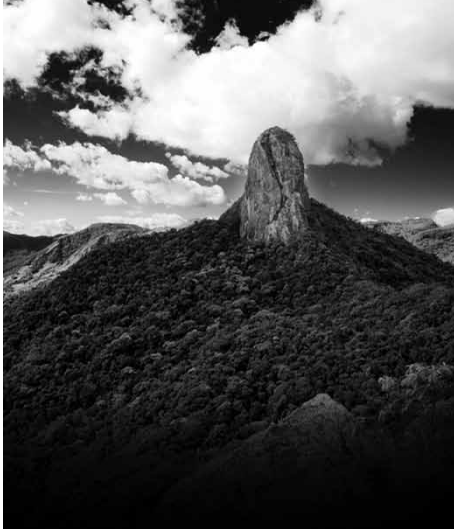
Federações e da Confederação para exercer a fiscalização (e eventualmente também a aplicação de punições) dos princípios éticos e de conduta do Montanhismo. Creio que quase todos sabem que as Federações e a CBME tem poucas pessoas disponíveis para realizar as muitas tarefas administrativas, técnicas e burocráticas inerentes ao funcionamento dessas instituições, o que dificultaria absorver mais tarefas.

No texto da petição existe ainda uma afirmação pouco precisa que acho importante esclarecer. Diz lá que a escalada seria o único caso de um esporte com "regras" a serem fiscalizadas pelo Estado. Rapidamente e de memória, a pratica de mergulho em Fernando de Noronha e Abrolhos e de canyoning nos Aparados da Serra estão sujeitos às regras vigentes nesses Parques. Certamente há muitos outros exemplos.

De qualquer forma acho bem interessante essa discussão e acho que precisamos evoluir um pouco mais em idéias e sugestões para aperfeiçoar o modelo atual ou construir um novo modelo que seja mais viável e eficaz.

## Escalada sem intervenção

Em resposta a matéria veiculada na edição passada, questionando as novas regras para a conquista de vias de escalada em Parques Estaduais e Nacionais no Rio de Janeiro, uma série de discussões sobre o tema aconteceram pelo Brasil. A maioria das manifestações foi justamente exigindo a imediata retirada de tais regras dos Planos de Manejo dos Parques, devolvendo ao Montanhismo e a Escalada, a liberdade que sempre permeou este esporte no Brasil e no mundo. No momento da impressão desta edição, um abaixo-assinado intitulado ***Pelo direito a escalar sem intervenção do Estado*** com mais de 670 assinaturas e aprovação de dezenas de nomes de peso no montanhismo nacional, está em andamento no endereço <http://www.peticaopublica.com.br/PeticaoVer.aspx?pi=P2012N29554> pedindo medidas à CBME e Federações para a exclusão do Estado no que se refere a fiscalização dos estilos e éticas referentes as práticas exclusivamente esportivas.



A revista on line de escalada e montanhismo

blogdescalada.com

RESSOLE SUA SAPATILHA NA

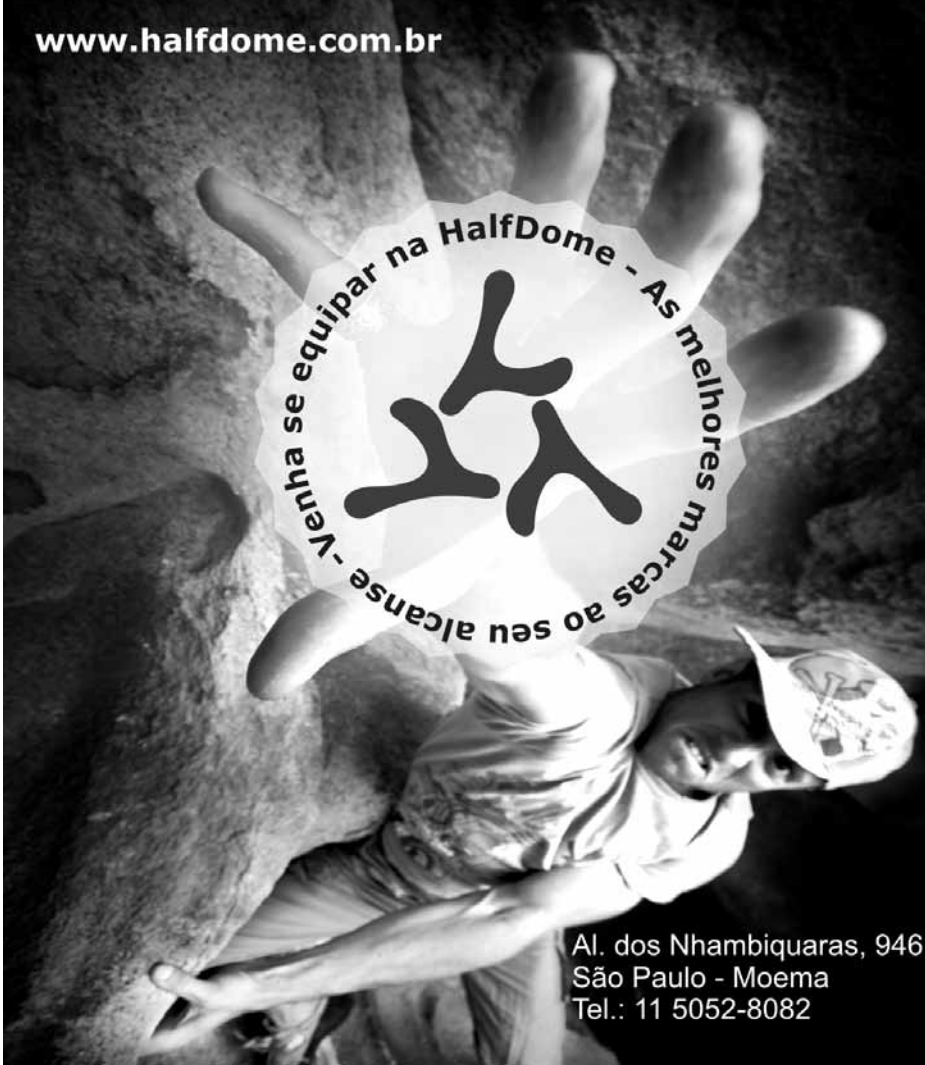


- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadena

ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações [www.bele.com.br](http://www.bele.com.br) ou ligue para 11 82446672

www.halfdome.com.br



Al. dos Nhambiquaras, 946  
São Paulo - Moema  
Tel.: 11 5052-8082



# Furadeira e os direitos do escalador

Conheça o texto pró-furadeira apresentado por Marcello Ramos no Seminário da Urca em 2007, que convenceu os administradores desta UC a liberar o uso da ferramenta e não coibir nenhum estilo de abertura de vias de escalada.

MARCELO RAMOS | RJ

Texto que defende a liberdade de escolha da técnica utilizada para conquistar vias de escalada. Para ser incluído no corpo de propostas do segundo seminário de mínimo impacto em escaladas na região da Urca. Seguem razões para a exclusão do parágrafo que trata da recomendação de não se usar furadeiras elétricas para se conquistar vias de escalada (ou a revogação da dita recomendação) do corpo de propostas

Razões para que a recomendação de não se usar furadeiras elétricas na conquista de vias de escalada deva ser extinta das discussões para planos de manejo em parques, UCs e autarquias municipais, estaduais e federais: O seminário de mínimo impacto em escaladas na região da Urca é sabidamente referência para várias propostas de planos de manejo das atividades do montanhismo, nas diversas unidades de conservação. Diante disso, observamos que todas as determinações que se incorporam ao texto conclusivo deste seminário terão repercussões importantes na interpretação e no gerenciamento do nosso esporte nas demais UCs. Entendemos que o parágrafo que trata do uso da furadeira elétrica se caracteriza por ser de natureza técnica e específica da escalada em rocha, importando somente aos praticantes deste esporte, cabendo a discussão e o comentário somente à comunidade de escaladores e instituições que gerenciam e organizam essa atividade. Entendemos que, por não possuírem os conhecimentos técnicos e conceituais necessários e nem a obrigação de se responsabilizarem por uma questão inerente a um esporte específico, os diretores das UCs, funcionários e todos que colaboram na elaboração dos planos de manejo das UCs devem se abster de comentar o parágrafo em questão. Sendo assim, este deve ser suprimido das propostas de manejo das atividades de montanhismo nas UCs, bem como nas propostas deste seminário. Outras razões para que a recomendação de não se usar furadeiras elétricas na conquista de vias de escalada deva ser retirada do texto conclusivo deste seminário: Entendemos que esta determinação é um equívoco histórico pois se trata de uma imposição de um ponto de vista técnico, ético e de estilo de alguns escaladores para com os demais. Nunca antes em nosso esporte se registrou pretensão semelhante. Não temos notícias de se ter jamais tentado impor ou determinar ao conquistador Sílvio Mendes, por exemplo, quais as ferramentas ou a técnica que deveria empregar para suas conquistas. Assim como todos os grandes nomes do nosso esporte no passado, jamais se soube que tenham sido obrigados a abdicar de suas técnicas ou ferramentas para que realizassem seus feitos. Conforme consta no próprio site da Femerj, no cabeçalho da seção de ética, a máxima: “O montanhismo é um esporte de liberdade, e tudo o que não precisamos é levar as regras e leis da cidade para a montanha. Mas isto só é possível porque o montanhista que se define como tal segue dois princípios básicos: proteger as montanhas e respeitar os outros que as frequentam.”. Pois bem, temos a chance de corrigir este equívoco nesta ocasião e não passarmos à história do nosso esporte como a geração que tentou impor uma determinada técnica ou estilo de conquista aos demais escaladores.

Neste seminário, assim como no anterior, definiu-se uma série de áreas nos paredões rochosos da Urca onde se recomendou a não abertura de mais vias de escalada. Estas definições já não seriam suficientes para que se chegasse ao objetivo primaz destes seminários, que seria o de restringir o surgimento de novas vias de escalada nesta região “já saturada”, como alegam os defensores desta posição? Por que, além de apontar as regiões onde novas conquistas serão permitidas, ainda necessitamos determinar e impor com qual técnica, ferramenta ou estilo estas vias deverão ser abertas? Isso não faz sentido algum e fere seriamente a tão propagada “liberdade do montanhismo e pluralidade de estilos”. Entendemos que uma região aberta para a conquista de novas vias deve permitir qualquer estilo, técnica ou ferramenta, ou do contrário não estará aberta para novas conquistas. Mais uma vez declaramos que a pretensão da imposição do estilo, da técnica ou das ferramentas é um grave equívoco e não deve ser levado adiante.

Da mesma maneira, a proibição do uso da furadeira elétrica como forma de retardar o surgimento de novas vias, não parece lógica diante do fato que a instalação dos grampos ainda será permitida. Em última instância, se dispuséssemos, hipoteticamente, do direito divino e legal de impor proibição qualquer aos praticantes deste esporte, “para frear seu crescimento desordenado”, deveríamos sim proibir a instalação dos grampos e demais proteções fixas, que são a finalidade última do emprego da ferramenta furadeira elétrica. Mas fazendo isso estaríamos determinando o fim do nosso esporte, ou começo do fim, o que não se pretende “por ora”. Seguindo o mesmo raciocínio podemos traçar o seguinte paralelo: numa determinada região se proíbe o emprego de serras elétricas, porém, não se proíbe a derrubada das árvores! Uma atitude tão absurda como a que se está propondo no parágrafo em questão. Pode-se derrubar árvores com machados e serras, pois “o maior esforço exigido para este tipo de derrubada levaria a uma maior reflexão sobre a validade deste ato”. Mas ainda assim as árvores poderiam ser derrubadas! Outro argumento corrente contra o uso a furadeira é o seguinte: “A facilidade que esta possibilita tem levado à abusiva colocação de grampos e a uma precipitada abertura de vias que, não raramente, conduz a que se cometam alguns equívocos”. Esta dita “facilidade” é questionável, e só quem já conquistou com furadeira, de baixo para cima, é que pode avaliar o quão leviana é esta declaração. Declarações deste tipo, por parte de quem jamais conquistou uma via, com método e equipamento quaisquer, não devem ser levadas em consideração. Os procedimentos e dificuldades de quem conquista de baixo para cima, com e sem furadeira, são os mesmos: a dificuldade para se conseguir um ponto onde parar, as incertezas e os riscos de queda e etc... As diferenças estão apenas no menor tempo de aplicação do grampo e no maior peso que se carrega. Sem contar no risco iminente de uma queda com a furadeira nas costas, na mão ou em piores situações.

Com relação às “precipitadas aberturas de vias e equívocos cometidos”, a história do

nosso esporte mostra que sempre houve precipitações e equívocos. Mesmo antes do advento da furadeira tivemos diversas vias consideradas “equivocadas e precipitadas”, e o emprego da furadeira não mudou isto e nem deve ser considerado a causa de tais atos. Cada escalador é responsável por seus atos e, portanto, não deve ser privado de sua liberdade de escolha. O temor de que se cometam “equívocos” não deve ser aplacado com paternalismo. Um montanhismo sem “equívocos” pode ser construído com informação ostensiva e educação permanente, incumbência esta de nossas instituições, não do estado e nem da administração pública. Deve-se também observar que nesse caso o significado de “equívoco” difere de acordo com o julgamento de cada um, pois vias consideradas equivocadas por uns podem perfeitamente ser adoradas por outros. Portanto, um documento que pretende ser representativo de toda uma categoria não deve generalizar desta forma uma questão que envolve diferentes pontos de vista.

Os defensores do método “tradicional” de se aplicar um grampo, com marreta e talhadeira, não se colocam como impositores, pois acreditam que estão a serviço de um estilo e uma ética superior. No entanto, apenas como exercício de imaginação, podemos inverter a situação e privar os defensores da marreta e talhadeira do seu prazer neolítico e obrigá-los a usar a furadeira elétrica para conquistar suas vias!! O que diriam eles? Muitos argumentam que o uso da furadeira para a abertura de novas vias está proibido em alguns parques nacionais dos EUA, e, portanto, seria um bom exemplo a seguir. Por que ainda hoje nos portamos como bons colonizados e só conseguimos extrair alguma experiência de tal nação? Por que temos que nos mirar em um exemplo tão extremo, proveniente de uma realidade tão distinta da nossa?

Os que proclamam tal exemplo a ser seguido sequer conhecem os fatos que levaram tal nação a chegar a este ponto. No início dos anos 90, a má interpretação de uma lei federal de 1964 levou o U.S.Forest Service a mandar retirar todas as “instalações” dentro dos parques, mal interpretado, incluíram -se aí as proteções fixas (chapeletas, grampos, fitas, pitons, nuts e etc.) de todas as vias de escalada e rapel , ação que levaria quase ao fim do esporte naquela nação. Iniciou-se então uma exaustiva negociação entre as entidades representativas dos escaladores e os órgãos federais responsáveis pelos parques nacionais. A proibição do uso da furadeira foi uma das medidas resultantes do extenso acordo obtido entre as partes para evitar o banimento das proteções fixas nestes parques. Além disso, como se não bastassem todas as diferenças socio-economicas-culturais entre o Brasil e os EUA, lá existem mais de 15 milhões de escaladores, o que representa portanto uma realidade completamente diferente da nossa. Para se ter uma idéia, o Brasil inteiro possui menos vias do que, por exemplo, New River Gorge, uma única escola de escalada americana. Por que não podemos criar nossas próprias definições de gerenciamento? Por que temos que copiar exemplos mal compreendi-

dos? E se tivermos que aprender com outros, por que não podemos nos espelhar em experiências de outras nações como: Canadá, Argentina, Chile, França, Espanha e outros excelentes exemplos de gestão esportiva, com a integração dos esportistas com os parques nacionais. Nestes países, os diversos esportistas, incluindo os escaladores, são tratados como parceiros que contribuem para a conservação e desenvolvimento das áreas de conservação, e não tidos como “impactantes”, como alguns aqui querem fazer parecer, impedindo os escaladores de realizar seus projetos ou proibindo-os de usar a técnica que mais lhes convier para a realização dos mesmos.

Aproveitando a credibilidade cega que depositamos nos “gringos”, seguirem algumas citações que podem nos orientar neste propósito:

*“A furadeira elétrica produz um furo mais perfeito, menos danoso à rocha e que proporciona maior durabilidade e confiabilidade para o grampo instalado.”*

*“Muitas vezes o furo feito por talhadeira de forma, danifica e abre demasiadamente a parte externa da rocha, devido à imprecisão nos primeiros momentos do trabalho, fazendo com que o grampo aplicado neste furo não seja tão seguro quanto o aplicado em um furo produzido por furadeira elétrica”.*

*“Por levar apenas uma fração do tempo que se leva para se instalar um grampo da forma tradicional, a furadeira elétrica causa muito menos impacto sonoro no ambiente e consequentemente menos stress na fauna local”.*

*“A colocação e o uso de grampos é um assunto geralmente controverso, mas nunca em nossa experiência nos foi relatado ou concluído que provoquem algum tipo de impacto no meio ambiente, a não ser o das discussões e convicções filosóficas”*

Jason Keith - Policy Director – the Access Fund

*“Virtualmente nenhuma destas proteções fixas, incluindo os grampos, podem ser vistas ou percebidas por visitantes dos parques que não são escaladores. Em um único artigo científico relevante conhecido sobre as proteções fixas na escalada, o U.S. National Park Service concluiu que as proteções fixas não causam nenhum impacto considerável ao meio ambiente e até recentemente os administradores das unidades de conservação nunca noticiaram que as atividades de escalada pudessem causar qualquer impacto em seus domínios”.*

*“Segundo o U.S.Forest Service não existe nenhuma evidência científica que comprove que as proteções fixas possam afetar a rocha, pássaros, outros animais, liquens e musgos”.*

*“Não existe nenhuma evidência que comprove que a prática da escalada, bem como o uso de proteções fixas, tenha comprometido ou afetado de alguma maneira significativa alguma área de preservação (wilderness area) nos últimos 70 anos do esporte nesta nação”.*

Trechos extraídos de parte da carta do Access Fund para o poder federal americano em 1998, respondendo e questionando o US Forest Service em relação ao banimento das proteções fixas.

Rio de Janeiro, 30 de julho de 2007.

## André Ilha fala sobre Furadeiras e Parques do Rio de Janeiro

ANDRÉ ILHA | RJ

Na última edição de Mountain Voices, uma peça intitulada “Furadeiras e Parques” trouxe uma grave incorreção e uma conclusão injusta a ela associada, que merece ser esclarecida.

Em tom de denúncia, o lead da matéria (na verdade, apenas uma coleção de pequenos depoimentos sobre o tema) diz que *“Parques Nacionais e alguns estaduais do Rio de Janeiro criaram recentemente restrições ao uso de ferramentas elétricas para fins de instalação de grampos...”*, e que este *“...é o início de uma interferência do estado na liberdade de cada montanhista escolher seu estilo de escalada.”*. (grifo nosso) Pois bem. No tocante aos parques estaduais do Rio de Janeiro, tal restrição existe apenas para dois setores de duas montanhas do Parque Estadual dos Três Picos (PETP), e trata-se de medida que foi estabelecida consensualmente no Seminário de Mínimo

Impacto daquela unidade, cuja realização foi amplamente divulgada nos canais pertinentes e que contou com a participação de mais de 100 pessoas entre escaladores, moradores locais e servidores do INEA. O seminário do PETP foi conduzido pelo Sérgio Poyares, chefe do parque, escalador de longa data e história e, ainda, morador da região - portanto alguém a quem não se pode acusar de desconhecimento de causa. Tais seminários, profundamente democráticos em sua concepção e execução, e sempre promovidos em conjunto pelo INEA e pela FEMERJ, deram uma imensa contribuição à harmonização entre os interesses de uma categoria de usuários, os montanhistas, e a administração dos parques onde ocorreu (além do PETP, também nos parques estaduais da Serra da Tiririca e da Pedra Branca). Seus resultados migraram, sem alterações, para os respectivos planos de manejo daquelas unidades de conservação por interesse da própria FEMERJ, para que tais soluções

consensuais fossem garantidas em instrumento mais sólido do que uma simples ata de reunião.

Como se não bastasse, a sugestão de se proibir o uso de furadeiras elétricas nos setores mais cheios de vias do Pico Maior e do Capacete não partiu do parque ou do INEA, uma vez que isto é para nós uma questão quase irrelevante, mas, sim, dos próprios escaladores, sendo que o parque apenas acatou a sugestão.

Portanto, é completamente improcedente a afirmação de Mountain Voices, ao menos no caso do Parque Estadual dos Três Picos, de que estaria havendo um interferência indevida do estado na livre prática da escalada em rocha em seus limites. Ainda que talvez possa haver um ou outro descontente, lembramos que nos processos democráticos todos, inclusive as minorias, devem acatar as decisões da maioria - que, neste caso, nem só maioria era, pois a medida foi aprovada pela unanimidade dos presentes à reunião.

Eliseu Frechou



Quantas vezes você passou pela situação de procurar aquela mochila super bacana ou um saco de dormir da **Deuter** e não achou?

Agora, toda a linha **Deuter** disponível no Brasil pode ser encontrada facilmente pelo consumidor brasileiro nas **Lojas Master!**

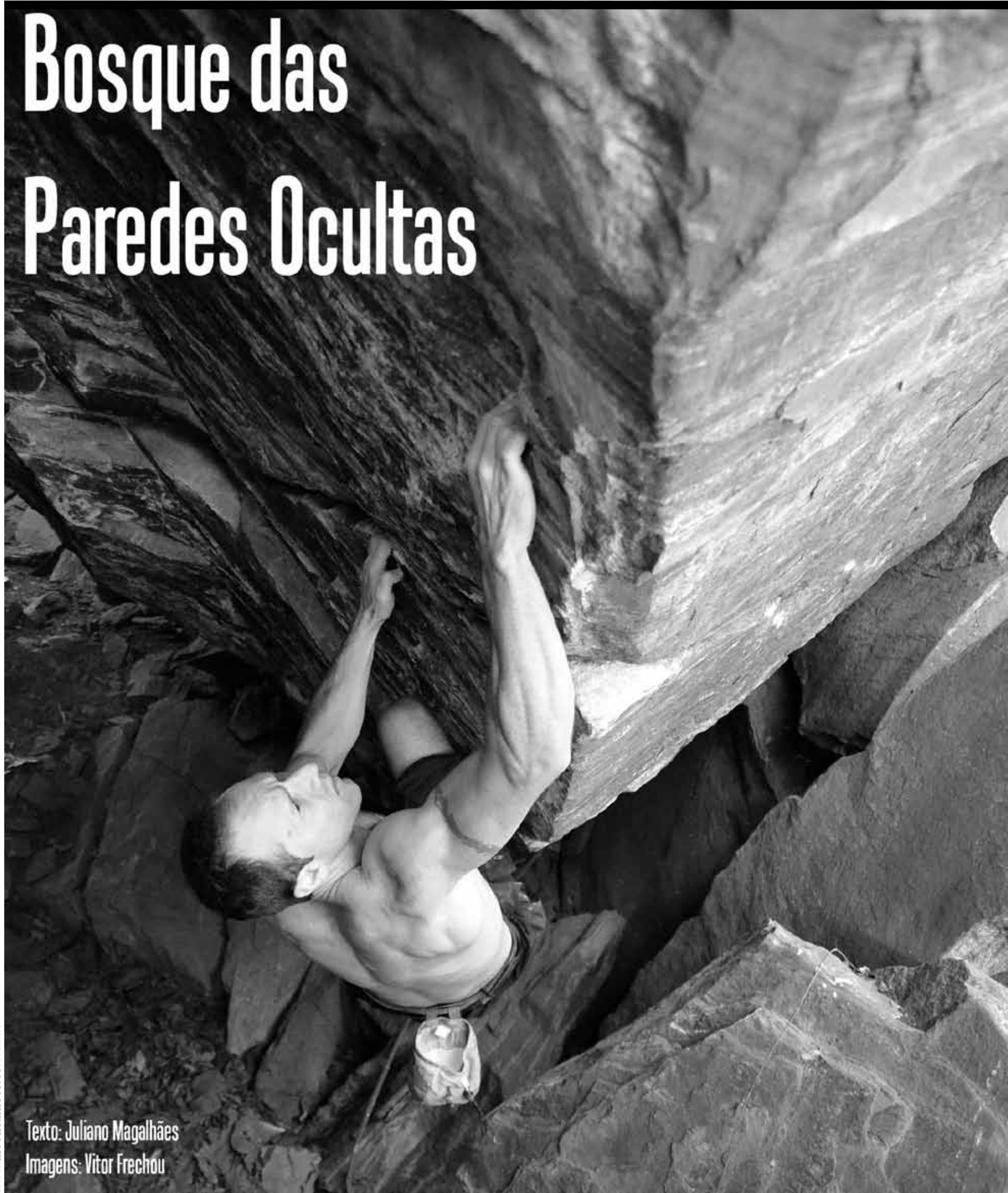
Encontre a **Loja Master** mais próxima e fique por dentro das novidades da **Deuter!**



www.deuter.com.br

Eduardo Barão na Heróis da resistência (da Ff) Foto Alex Gesteira





Para quem curte escaladas de força, boulders e pouca caminhada esse é o lugar certo! Em dias quentes o Bosque das Paredes Ocultas é uma ótima opção pelo clima ameno da Serra da Mantiqueira e pela sombra do bosque. Tem rotas para os escaladores mais avançados e também para os iniciantes, o que torna o setor bem eclético.

As escaladas do BPO começaram no final de 2008 quando Rogério Juninho descobriu o potencial do lugar. Desde então, a abertura das vias se deu com a união do Grupo GEAN e escaladores locais de Resende-RJ, que contribuíram assiduamente com material e mão de obra.

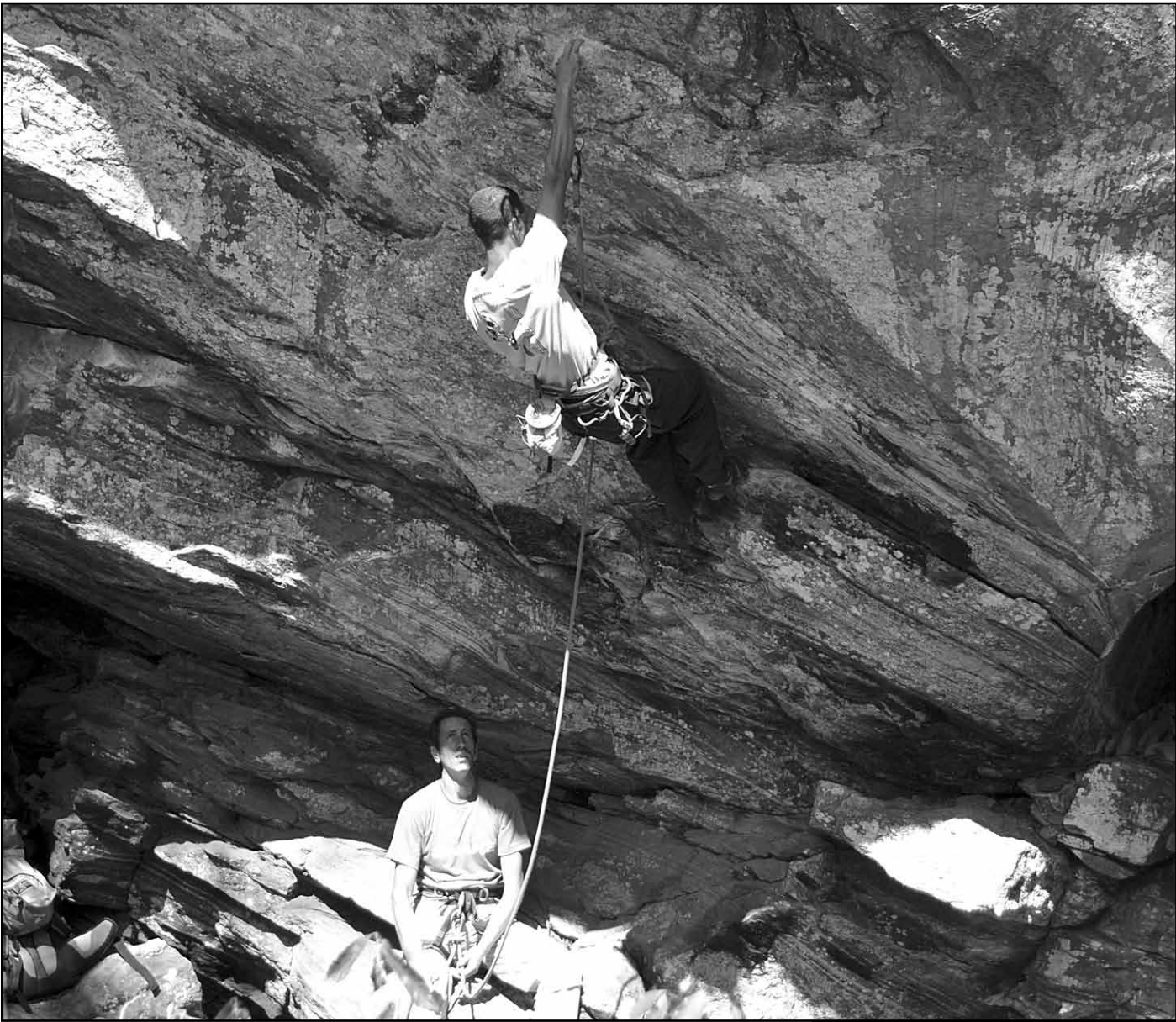
A motivação de todos em se empenhar na abertura de novas vias nesse point se deve ao fato do fácil acesso (2 min. de caminhada), qualidade das paredes, sombra o dia todo e o principal que é a permissão e simpatia dos proprietários. Além disso, é possível escalar grande parte das vias com chuva, o que salva nos dias de tempo ruim.

A textura da rocha é outra qualidade do point. Por ser um gnaiss com uma superfície pouco abrasiva e lisa, a pele dos dedos é preservada, o que torna a escalada bem proveitosa sem sofrimento nas pontas dos dedos. O que cansa são os braços.

Nesses últimos anos de trabalhos equipamos cerca de 35 vias com graduação entre o V a 9c. São sete setores distintos, cada um com suas características, das quais predominam as vias negativas. Existem setores com tetos, vias verticais e positivas que agradam até os escaladores que estão começando no esporte. Abrimos também muitos boulders com destaques para o *Onde o Vento faz a curva* V8; *Topeira* V8; *Galocho* V7; *Alicate de Pressão* V6 e *Chuva de Granito* V7.

Os setores mais procurados são:

- Setor Principal
1. *Punhos de Aço*, 9b (leve friends)
  2. *Gravidade Zero*, 8b
  3. *Além da Gravidade*, 8c (extensão da *Gravidade Zero*)
  4. *Boi Bandido*, 9c
  5. 39, 8a
  6. *Cala Boca Galvão*, 7c
  7. *Fala Presidente*, 8a
- Setor das Ondulações
1. *Força Oculta*, 8c
  2. *Faca na Caveira*, 9b
  3. *Estranho no Ninho*, 9a
  4. *Pitón Head*, 9c



• Almir Neves no *Galocho* V7  
• Rogério Santos na via *Dez Mandamentos* 8a  
• Juliano Magalhães no *Topeira* V8

8. *Vento Ventania*, 9a
9. *Katrina*, 9b
10. *Capitão Caverna*, 9c

5. *Quarteto Fantástico*, 9a
6. *Mi ardi u oi*, 8b
7. *Zóio da Vespa*, 7b
8. *Vespanha*, VI
9. *La Nina*, VI
10. *El Nino*, VI

Ética local

- Trazer de volta todo o lixo;
- Evite fogo;
- Evite barulho demais, pois o proprietário mora em frente e escuta tudo;
- Caso deseje fazer necessidades fisiológicas, enterrar os dejetos e o papel higiênico;
- Conquistas novas são permitidas, só veja se não vai ficar muito próxima de uma via existente;
- É proibido o acampamento no Bosque. Caso queira acampar por perto, fique ao lado do carro;

Como chegar

Siga pela via Dutra em sentido Rio de Janeiro e entre em Engenheiro Passos/RJ (mesma entrada de Itamonte), de onde se parte pegando a rodovia que vai para a Garganta do Registro (BR 354). Após passar a ponte em curva do Km

15, entrando-se no Estado de São Paulo, uns 400 metros à frente e à esquerda se pega uma estradinha de terra (ponto de ônibus), percorrendo-a até cerca de 1,3 Km. Fica na florestinha em frente ao curral. A trilha começa na beira da rua ao lado de um poste com o dizer “BPO”.

Hospedagem

Picus Hostel: Albergue a 20 minutos do BPO com cozinha, estacionamento, toa-lhas para alugar, quartos individuais e coletivos com preços acessíveis. Localizado próximo ao km 759 na BR 354 (Rio-Caxambu) (35) 9119.9153 - Felipe Guimarães

Guia da escaladas

Para acessar o guia completo visite: <http://rocktripresende.blogspot.com.br/2010/07/guia-de-escaladas-bpo-bosque-das.html>

Juliano Magalhães  
Tel: 24-9200-5433  
Email: [jzmagalhaes@yahoo.com.br](mailto:jzmagalhaes@yahoo.com.br)  
<http://cursodescalada.blogspot.com.br/>



**Na compra de um produto BASE BRASIL NAS LOJAS CREDENCIADAS CONCORRA À**

**BASE BRASIL**

**EM PRODUTOS DA MARCA**

**R\$ 500,00**

# O Papel do Guia de Montanha

DANIEL CASAS | SC

O montanhismo nacional está passando por uma grande fase de desenvolvimento em todas as suas vertentes. É perceptível o crescente número de praticantes, ofertas de serviços e produtos para o esporte, assim como atletas experientes atingindo níveis altíssimos de rendimento e expressiva organização em associações, clubes e federações. Essa popularização gera aumento da demanda por produtos e serviços especializados, e assim muitos praticantes têm a oportunidade de se profissionalizarem e então surge uma peça chave nesse processo, o Guia de Montanha, ao qual compete a condução de pessoas no ambiente natural assim como a transmissão de todo o conhecimento do montanhismo desde as técnicas básicas de segurança, aos princípios e condutas éticas que norteiam o esporte. Como um Mestre está para a educação o Guia de Montanha está para o montanhismo. Vendo por esse prisma, o mesmo deve ser altamente qualificado e competente para a execução dessa função primordial do desenvolvimento sustentável e ordenado do esporte. O conhecimento deve ser passado de forma completa e sistemática aos que desejam se aventurar no agreste. Cursos de iniciação ao montanhismo e escalada devem possuir uma qualidade excepcional, a fim de introduzir com segurança o iniciante à montanha. Esse ensinamento deve seguir por gerações, fazendo com que o esporte cresça em bases sólidas, porém, deve ser sempre

reciclado, revisto e aperfeiçoado, seguindo a corrente do aprimoramento da atividade. O Guia de Montanha não necessariamente precisa ser um super atleta, mas deve ser um expoente no esporte. Precisa ter experiências reais bem acima da média em todas as modalidades de escalada. Possuir conhecimentos em didática, relações interpessoais, condução de grupo entre outras. Qualidades como paciência, liderança e integridade são também desejáveis a qualquer pretendente a essa função. A formação desse profissional acontece quase que exclusivamente na montanha ao longo do tempo, algo entre 10 e 15 anos, se praticado assiduamente. Acontece também em viagens e expedições fora do seu local habitual, onde o mesmo pode viver experiências novas, além de compartilhar conhecimentos com escaladores de outras escolas. A busca por conhecimento em literatura específica também é um grande agente nessa formação. Pelo fato do guia ser uma figura importante nesse processo, é gerado uma aura de supremacia, o que não é real, mas faz com que muitos desejem ocupar essa posição de destaque e usá-la como status social, fato que prejudica de forma irreparável todo o processo de aprendizagem e da propagação idônea da atividade montanhística. Apesar de esforços significativos nessa área, no Brasil ainda não há efetivamente uma organização nacional de padrões e competências para a função de Guia de

Montanha, a exemplo que ocorre em outros países. Em função disso se abre espaço a oportunistas que sem a devida experiência e competência acabam desinformando ao conduzir pessoas nas atividades de montanhismo, gerando grandes prejuízos ao esporte, impactos desnecessários no ambiente natural e colocando em risco seus clientes. No momento em que se encontra o montanhismo nacional, deve-se buscar a qualificação desse profissional que constitui a base de todo o desdobramento da prática segura e organizada das atividades de montanha. Para atingir esse objetivo, é necessária a criação de uma entidade representativa que estabeleça padrões nacionais de competências, qualifique, informe a população e dê suporte ao Guia de Montanha brasileiro. Dessa maneira a excelência esportiva da prática do montanhismo será definitivamente respeitada e se desenvolverá em bases sólidas, como a rocha ao qual se prolonga toda a atividade de montanha.

Daniel Juliano Casas: Montanhista ativo desde 1988. Guia e Instrutor de Escalada certificado pela AGUIPERJ. Faz parte do corpo de guias da Salamandra Escola de Montanha. Apoio: Hard Adventure, Resseg e Jurapé Equipamentos para Aventura.

**Mais que uma loja de equipamentos outdoor**

**NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA**

Ambiente descontraído  
Assistência personalizada  
Suporte técnico  
As melhores marcas

**Black Diamond** **PETZL** **edelweiss** **CAMP** **FIVE TEN** **CLIMB** **BONIER** **curtlo** **deuter** **THE NORTH FACE**

**BIVAK** OUTFITTER

e-commerce: [www.bivak.com.br](http://www.bivak.com.br)

11 2308 6995  
Rua Caramuru, 523  
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

**Cursos de Escalada**  
Básico e avançado de  
escalada móvel, conquista  
big wall e reciclagens

**Guias de Montanha**  
Brasil: Pedra do Baú e região,  
Rio de Janeiro, Minas Gerais,  
Paraná, Sul e Nordeste  
Exterior: EUA, África,  
México e Espanha

**Brasil + Exterior**  
Escale com  
tranquilidade  
nos melhores  
points do planeta

**MONTANHISMUS**  
Escola de Escalada em Rocha  
[WWW.MONTANHISMUS.COM.BR](http://WWW.MONTANHISMUS.COM.BR)  
SAO BENTO DO SAPUCAÍ - SP  
(11) 3971.1470

USAMOS O MELHOR: **Snake** **SOLO** **deuter** **BOSCH**

acesse também: [www.elisefrecho.com.br](http://www.elisefrecho.com.br)

**CASA DE PEDRA**

Venha conhecer a nova Casa de Pedra Concept Store Itaim

Um novo espaço, com as melhores marcas e atendimento personalizado que só uma loja com alma de montanha pode oferecer.

Rua André Gonçalves, 49 Itaim Bibi São Paulo [www.casadepedra.com.br](http://www.casadepedra.com.br) Fone: 11 3047 2494



# 12<sup>a</sup> MOSTRA INTERNACIONAL DE FILMES DE MONTANHA

[www.filmesdemontanha.com.br](http://www.filmesdemontanha.com.br)



## The Tribe

LUCIANO FERNANDES | SP

Não chega a ser uma regra geral, mas vídeos gratuitos até um passado bem recente era sinônimo de má qualidade. Os filmes de boulder em geral também são bastante estigmatizados por sempre cair na mesmice e mostrar uma preocupação excessiva com os graus de dificuldade. O vídeo “The Tribe” contradiz tudo isso, e é talvez um dos melhores vídeos de boulder produzidos nos últimos anos, podendo ser considerado uma verdadeira lição de como se faz um filme de escalada. De tempos em tempos há filmes que mudam o jeito de ser o seu gênero,

“The Tribe” tem todos os ingredientes para agradar qualquer tipo de público. Com simplicidade, porém domínio técnico, de elementos técnicos como fotografia e imagem a execução em seus poucos minutos de 17 minutos o tempo flui com rapidez por ser agradável de assistir. Importante também salientar que pela qualidade apresentada tudo o que é retratado é eficientemente entretenido e interessante para qualquer tipo de público. Seguramente muito do mérito do filme está em na maneira que foi escolhida de contar a história do lugar. O foco principal não foi ação de escalada. A



e vira referência e dita a tendência de quem vier depois disso e “The Tribe” é uma destas produções. Os produtores planejaram cuidadosamente como mostrariam a região de boulders de Boone, no estado americano da Carolina do Norte, sem cair na mesmice de imagens de escaladores vencendo desafios de boulder. Caso adotassem esta estratégia clichê de filmes de boulder em produções do gênero parece demorar uma eternidade para terminar, e passaria despercebida pelo público. A questão hoje é ser atrativo para o público de escalada que hoje tem preferência pelos “solos” de Alex Honnold, ou os “guinchos de harpias” de Adam Ondra. Não que seja ruim este tipo de filme, e sim um retrato do mercado de filmes lançados. Apostando em um roteiro bem escrito e valorizando a amizade e convívio entre escaladores

história é das pessoas e as relações de amizade entre elas, e ao esporte que praticam. As filmagens do grupo passa a sensação de que o espectador faz parte, e até mesmo tem laços sentimentais com cada um. Retrato com maestria e bonita fotografia caminhadas, brincadeiras, e conversas que desperta o sentimento de como é agradável estar entre pessoas amigas. Nisso é que está o grande êxito do vídeo: retratar a força, influência e importância que nossos amigos exercem em nosso prazer de escalar. As imagens de escaladas não se limitaram somente em mostrar escaladores apertando agarras com música de fundo, e câmera desvendando os segredos de algum problema. Há sim imagens de escalada em boulder (sem fornecer nenhum “beta” a quem se interessar a visitar o local), porém sempre com uma narração de alguém por trás detalhando não somente a escalada, e sim o sentimento que possuem pelo local. Até mesmo as le-

gendas para identificação da graduação dos boulders apresentados fugiram do padrão, ficando de maneira mais criativa e interessante. O filme foi realizado pela comunidade responsável pelo “Triple Crown Bouldering”, e muitos de seus membros foram retratados no vídeo. A trilha sonora de muito bom gosto foi escolhida, mas para figurar como pano de fundo, e não para ilustrar um vídeo-clipe de escaladores. Com um roteiro e edição perfeitos, o vídeo é obrigatório para qualquer profissional, ou entusiasta, se inspirar e aprender outras alternativas. O filme “The Tribe” por reunir qualidades tão singulares, e de uma maneira fácil e simples é talvez, desde já, um clássico.

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

[www.penatrilha.com.br](http://www.penatrilha.com.br)



Rua Apeninos 803 São Paulo SP  
11 3562 1801

# ADRENA

## Esporte e Aventura

**A loja que mais investe na escalada do Brasil!**

Campanhas Brasileiras de Boulder Adrena 2013 Rio de Janeiro / São Paulo de São Paulo / Belo Horizonte

LOJA SAVASSI - AV. GETÚLIO VARGAS, 1612 - BELO HORIZONTE / MG. TEL. (31) 3261-1125  
LOJA SION - RUA MONTEVIDÉU, 495 - BELO HORIZONTE / MG. TEL. (31) 3285-4494  
sac@adrenaonline.com.br - [www.adrenaonline.com.br](http://www.adrenaonline.com.br)

**CURTA NOSSA FANPAGE: FACEBOOK.COM.BR/ADRENAESPORTE**

PATROCÍNIO



APOIO



APOIO CULTURAL



REALIZAÇÃO







Texto e imagens: Alberto Ortenblad

# Serras da Capivara e Confusões

O **Parque Nacional da Serra da Capivara** é um local estupendo, com lindos panoramas de paredes em arenito estriado, que emergem acima de uma rica vegetação de caatinga. Possui centenas de sítios rupestres, emocionantes por sua beleza. Gerido privadamente, é o mais bem conservado Parque brasileiro. Num infeliz contraste, ao seu lado está o imenso **Parque da Serra das Confusões**, também espetacular, porém abandonado.

## Serra da Capivara: O Acesso

Numa dessas viagens que, de tão longas, quase cruzamos o Brasil, Alessandra e eu fomos até o Piauí, conhecer a Serra da Capivara. Confesso que os três ou quatro dias que por lá passamos não foram suficientes. Quando da estrada olhei pela última vez a distante parede do Parque senti uma enorme saudade, que o tempo até agora não foi – e talvez nunca seja - capaz de apagar. A cidade próxima ao Parque é São Raimundo Nonato, com cerca de 30 mil habitantes e uma razoável estrutura. Ela é um tanto recente, tendo sido fundada por fazendeiros. Está a 300 km por asfalto de Petrolina e 500 km de Teresina, sendo que metade destes dois percursos apresenta condições horrososas, daquelas que chegam a nos dar saudade das estradas de terra (tantos eram os buracos, que levávamos três horas para vencer 100 km!). Ao contrário, São Raimundo fica a apenas 35 km da entrada do Parque por bom asfalto.

## O Parque

Após sua criação em 1979, o Parque Nacional esteve abandonado por dez anos. Na-

quele período, ele foi depredado por madeireiras e caçadores, que se tornaram mais ativos dada a ausência de vigilância, pois as terras não eram mais privadas. As comunidades à volta do Parque também exerceram uma ação predatória, pela caça, desmatamento e exploração do calcário. Por estas razões, acabaram se tornando extintas espécies como veados, emas, tamanduás bandeira e tatus canastra. É surreal pensar que a criação de um Parque Nacional tenha contribuído para o desaparecimento de tantas espécies preciosas, cuja proteção é sempre um dos objetivos de qualquer Parque.

## A Fundação do Homem Americano

Na década de 90, o Parque passou a ser gerido por uma Fundação privada, chefiada por Niede Guidon. Esta arqueóloga dedicou sua vida à pesquisa dos antigos sítios rupestres lá existentes, vindo a revelar o mais importante patrimônio pré-histórico do Brasil. Para quem está acostumado ao desleixo que o IBAMA dedica à nossa natureza, é impressionante encontrar tanto cuidado, seja na construção e sinalização, seja no atendi-

mento, conservação e manejo dos diversos locais do Parque.O Parque tem 129 mil ha num formato de um triângulo, com o vértice voltado para o sul e a base, para o norte. Existem quatro portarias, das quais as principais são as do Baixão da Pedra Furada e da Serra Vermelha. Calculo que apenas um terço da área total seja visitável. Nele foram catalogados quase mil sítios, sendo 650 com inscrições rupestres, mais de 100 dos quais abertos à visitação.

## O Relevo

As terras do Parque situam-se entre dois conjuntos geológicos, ambos muito remotos: a bacia sedimentar Piauí-Maranhão ao noroeste e a depressão do Rio São Francisco a sudeste. A primeira era originalmente uma depressão, cujas rochas sedimentares foram elevadas pelo movimento tectônico. Estas são as atuais formações das serras e planaltos. A depressão do São Francisco corresponde ao antigo granito pré-cambriano, hoje erodido nas regiões de planície por onde corre o São Francisco. Portanto, os rios da região pertencem à bacia franciscana. O relevo do Parque distribui-se entre as áre-

## A Flora

A vegetação é muito expressiva, variando da caatinga arbustiva e arbórea das planícies às matas dos boqueirões, com seus angicos e gameleiras. Nas úmidas bacias dos poços (chamados de caldeirões) encontram-se samambaias e gramíneas. Ao contrário, nas áreas secas e rochosas das chapadas, aparecem os cactos e as bromélias. É muito interessante como estes ambientes podem rapidamente variar, à medida que subimos dos baixões para os lajeados. No passado, esta era uma região úmida e povoada, o que explica a diversidade de sua



Mirante do Parque Nacional da Serra das Confusões

ocupação durante milhares de anos e as belas representações de caça nas pinturas pré-históricas. Toda a população existente quando da colonização foi exterminada pelos homens brancos. Entretanto, a região é hoje semi-árida, havendo ocorrência de até três anos sem precipitação. As chuvas vão de outubro (ou dezembro) até abril. Apesar de sua extensão, não há no Parque nenhum rio perene.

## A Fauna

A fauna tem um número restrito de espécies, devido à severidade do ambiente. Há poucos mamíferos, destacando-se os mocós, as pacas e os macacos guariba. Os morcegos, répteis e aves são abundantes, notando-se as revoadas das andorinhas, as algazaras das araras e periquitos e os raros vôos distantes das águias chilenas. Dizem que o animal mais comum é um pequeno lagarto de costas vermelhas (que não avistamos). Devido ao calor, muitos dos animais costumam ter hábitos crepusculares ou noturnos, alguns chegando a ser hibernais.

Mas a Serra da Capivara é também conhecida como um dos últimos redutos da onça pintada, o maior e mais feroz dos felinos das Américas. Aplicando técnicas usadas na Índia para o estudo dos tigres, pesquisadores vêm identificando os diferentes indivíduos do PN, estimando-se que existam pelo menos 35 onças adultas circulando na área.

## As Trilhas

A visitação ao Parque é sempre guiada, devido a seu valioso acervo arqueológico. Existem inúmeras trilhas, das quais as principais parecem ser o Baixão e o Alto da Pedra Furada, o Desfiladeiro da Capivara, os Baixões do Perna e das Mulheres e o Boqueirão do Paraguaio. Há também algumas trilhas interpretativas. Visitei ou atravessei quase metade delas. Como os nomes indicam, estes caminhos têm fortes aclives, saindo de regiões baixas, passando por desfiladeiros e subindo aos topos planos dos penhascos. Não são percursos longos, mas convém lembrar que o calor pode torná-los cansativos. Entretanto, como principal atrativo é a observação das tocas e paredes com pinturas rupestres, o

ritmo é bem lento. Deixo por fim o leitor com esta observação da Fundação que administra o Parque: Pelas variadas influências sofridas ao longo de milhares de anos, podemos reconhecer o PN da Serra da Capivara como uma fronteira ecológica, o cenário ativo de uma história ainda não acabada e que somente os descendentes dizimados do homem pré-histórico poderiam nos contar em detalhes.

## Serra das Confusões: O Acesso

Curiosamente, o acesso para o Parque Nacional da Serra das Confusões é por Caracol, uma vila próxima a oeste de São

Raimundo, novamente por um bom asfalto. Caracol é uma cidade pequenina, com 10 mil habitantes e a mesma origem rural da de São Raimundo, da qual se emancipou. A entrada do Parque fica a 18 km de Caracol na direção norte, por uma razoável estrada de terra, que atravessa fazendas de gado, caju, mandioca e grãos. A partir daí, serão mais 3 km em condições precárias até o mirante do Parque, que é o ponto mais elevado da região, com 700 m de altitude. A estrada continua para algumas comunidades, até sair do Parque, provavelmente ao norte.

## A Natureza

A origem geológica provém de antigas rochas sedimentares soerguidas e erodidas. A vegetação é composta de cerrado e caatinga, típicas do clima semi-árido. Sua conservação é descrita como boa, devido ao estado primitivo da região, aparentemente ainda em equilíbrio ecológico. Os rios correm para o norte, sendo afluentes do Guruguéia e do Piauí, os dois sendo da bacia do Parnaíba. Existem pinturas e gravuras rupestres, que começam a ser pesquisadas. A região era habitada pelos índios tapuias, havendo relatos destes até cinquenta anos atrás. O Parque conta com populações de espécies raras como zabelês e jacutingas, onças, ve-

adados campeiros, macacos guariba, tamanduás e tatus. Parece que os estudos das onças da vizinha Serra da Capivara estão sendo estendidos a este Parque.

## O Parque

Do mirante que comentei acima é possível descortinar as longas serras em arenito acima do verde da caatinga. A extensão é enorme, pois o Parque é o maior do Nordeste, com mais de 500 mil ha - área equivalente à de um círculo com 40 km de raio. O nome Serra das Confusões decorreu da cambiante coloração da serra – verde pela manhã, vermelha após o meio dia e amarela à tardinha – que induzia a erro os viajantes. Logo à direita do mirante, existe um lajeado plano que dá acesso à Caverna Riacho do Boi, situada na base de um penhasco, à qual se chega por cima. Ela é formada por duas placas de arenito apoiadas uma contra a outra, num vértice agudo. É possível caminhar longamente por baixo deste vértice, às vezes sob a luz de uma eventual abertura. É uma formação surpreendente e bonita. Nas proximidades existe a Toca do Enoqui e, bem mais adiante, o Muquém, um labirinto de rochas avermelhadas que afunila numa clarabóia habitada por morcegos (que não visitamos). E é só, pois o Parque não dispõe de qualquer estrutura, não tem sinalização nem trilhas e sequer conta com funcionários próprios.

## A Ausência de Estrutura

Ele é uma criança, tem apenas dez anos! justifiquei-me o guia Agnaldo, quando comentei sobre a precariedade do Parque. Na realidade, agora já tem 12 anos e seria um adolescente. Soube que felizmente a Fundação de Niede Guidon está assumindo as pesquisas arqueológicas, o que deve resultar em conservação e organização. A maior e (espero) mais preservada reserva brasileira de caatinga aguarda, portanto, o futuro para que seus encantos venham ser revelados.



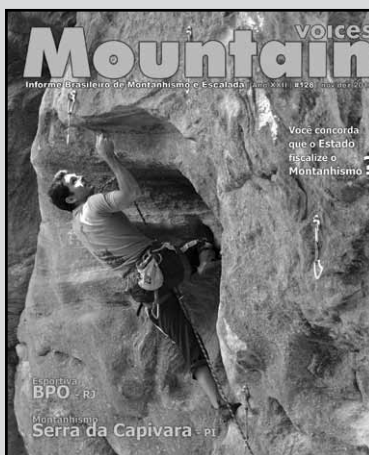
## Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à  
Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP.  
Preços válidos até 30/01/2013.

**Mountain Voices** é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

**Editor:** Eliseu Frechou.

**Contatos:** Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



**Capa:** Juliano Magalhães escalando Gravidade Zero 8b, uma das espetaculares vias do BPO  
**Foto:** Vitor B. Frechou

Nome.....  
Endereço.....  
Cidade..... Estado.....  
CEP..... Telefone.(.....).  
E-mail.....  
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....  
Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra  
Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada  
( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

- ( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00  
( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00  
( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00  
( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar  
( ) Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00  
( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00  
( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00  
( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00  
( ) DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00  
( ) DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00  
( ) DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00  
( ) Disco HD Dias de Tempestade - R\$ 25,00  
( ) DVD Karma - R\$ 25,00

Total .....00

128

## Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores.  
Compre nas lojas de montanha ou pelo site [www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2  
Baú e Região



LOBOTOMIA 3  
De PE ao RS



DÍAS DE TEMPESTADE  
mp4 e wmv

### Manuais de Escalada e Montanhismo

**Pedra do Baú  
Itatiaia  
Serra do Cipó**

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso



# Equinox

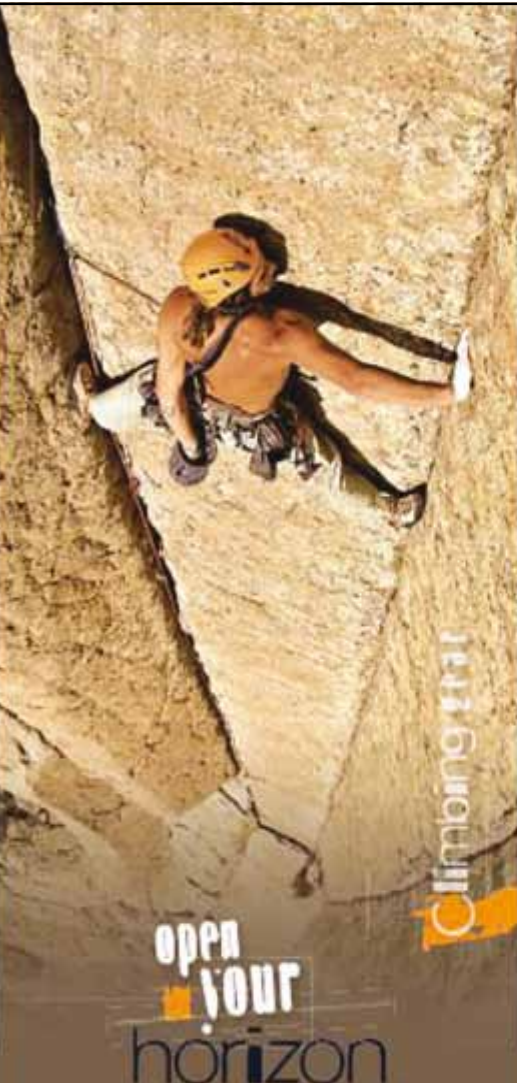
A Equinox completa 20 anos em 2012! 20 anos de dedicação, trabalho duro e, principalmente, conquistando a confiança dos montanhistas brasileiros! Temos orgulho em poder contar com a confiança de uma legião de fãs dos produtos da marca e da loja. Gostaríamos de agradecer

a todos os nossos clientes, por todo o apoio recebido nestes anos, e esperamos poder retribuir sempre, com o melhor atendimento, produtos da melhor qualidade e o maior sortimento de produtos para montanhismo da WEB!



Visite nossa loja virtual e descubra o que os montanhistas de todo Brasil já sabem!

## equinox.com.br





Equipamentos de Escalada,  
Camping e Alpinismo Industrial

Distribuidor das Marcas





neto@verticale.com.br  
21 33441665 / 96416910





## DRY COOL

Não há nada mais confortável de usar.

PERFORMANCE EXTREMA

ALTÍSSIMA SENSAÇÃO DE FRESCOR

PROTEÇÃO: ANTI UVA E UVB

IMPEDE A FORMAÇÃO DE ODOR

[www.conquistamontanhismo.com.br](http://www.conquistamontanhismo.com.br)



# **SNAKE.** PELA 3ª VEZ RECONHECIDA POR FAZER O MELHOR EQUIPAMENTO.



**ZODIAC II**

Desenvolvida com sistema de gerenciamento térmico Outlast™ integrado com membrana Sympatex 100% impermeável e respirável, solado bi-componente Vibram Mars com tecnologia shock absorber, passadores e ganchos articulados para melhor ajuste dos cadarços e palmilha de proteção anti-perfuro.



**CORDURA**

**vibram**

**Outlast**

**NO-P**

**Comfort FIT**

**SNAKE**®

[www.snake.com.br](http://www.snake.com.br)